

O ESPÍRITO NA MÁQUINA

OBRAS DE JOHN AJVIDE LINDQVIST PUBLICADAS
ANTERIORMENTE PELA TORDESILHAS

Estou atrás de você

Gentileza

Deixa ela entrar

Realidade

O verão de 1985

Escrito na água: Tempestade de sangue 1

O quarto na terra: Tempestade de sangue 2

JOHN AJVIDE
LINDQVIST

Autor de *Estou atrás de você*

O ESPÍRITO
NA MÁQUINA

TEMPESTADE DE SANGUE 3

Tradução de **Helena Hilden**

TORÐSILHAS

O Espírito na Máquina

Copyright © 2026 TORDESILHAS

Tordesilhas é um selo da editora Alaúde Editora Ltda., do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2026 JOHN AJVIDE LINDQVIST

ISBN: 978-65-5568-136-9

Translated from original The spirit in the machine. Copyright © 2024 by John Ajvide Lindqvist. ISBN 978-91-7775-441-1. First published by Ordfront förlag, Sweden. Published by arrangement with Nordin Agency AB, Sweden, the owner of all rights to publish and sell the same. Portuguese language edition published by Alaúde, Copyright ©2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L744e
Lindqvist, John Ajvide.
O espírito na máquina. John Ajvide Lindqvist;
tradução de Helena Hilden. – 1. ed. – Rio de Janeiro:
Tordesilhas, 2026.
448 p.; 15,7 x 23 cm.
Título original: The Spirit in the Machine
ISBN 978-65-5568-136-9
1. Romance sueco. 2. Thriller. 3. Ficção policial.
I. Hilden, Helena. II. Título.
CDD 869.73

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura sueca 839.73

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Coordenadora Editorial: Beatriz de Assis

Produtora Editorial: Rita Motta

Tradução: Helena Hilden

Copidesque: Evelyn Diniz

Revisão: Alessandro Thomé



PRÓLOGO

SAGUÃO DE MÁRMORE, DRAMATEN. OUTUBRO DE 2019

É noite. Os últimos visitantes do teatro deixaram o local suntuoso em Nybroplan, o eco dos últimos passos desaparece. Os atores foram para casa depois de representar seus papéis. Agora é noite e descanso.

As mesas e os balcões do Saguão de Mármore foram limpos, o piso de madeira com desenho de espinha de peixe foi encerado, a sala está pouco iluminada pelas lâmpadas atrás de máscaras de teatro. Os ornamentos dourados brilham e o mármore de Carrara de cor clara adquire um tom rosado. As cenas nos murais espreitam nas sombras e ninguém fica com o pescoço torto olhando o afresco de Carl Larsson no teto. O tamanho e a opulência do espaço servem apenas para realçar o silêncio predominante. Como se esperassem por algum acontecimento.

Saguão de Mármore. Já é um conceito. Logo será um símbolo. Do que? Depende de cada um. Difícil imaginar que aqui acontecerá o evento que é mais sangrento do que qualquer coisa já apresentada no Palco Principal. O Saguão de Mármore será citado com o Bataclan, o Nice e o Utöya.

Mas ainda não. Agora é noite e tudo está quieto. Todos prendem a respiração e aguardam a realização do destino. Hoje, amanhã, daqui a uma semana? Impossível saber. O destino se move em saltos e sobressaltos, e apenas uma coisa é certa: ele sempre chegará.





CAPÍTULO UM

1

— Ah, Yorick, onde estão seus jogos e brincadeiras agora?

O jovem no palco veste um longo casaco de couro. Usa grandes argolas nas orelhas e um piercing de cristal no nariz. Segura uma caveira amarelada na altura de sua cabeça, olha para os olhos inexistentes e diz suas palavras famosas.

Kim Ribbing inclinou-se para Julia Malmros e sussurrou:

— Não é agora que ele diz *ser ou não ser*?

— Não — respondeu Julia, sussurrando. — É mais cedo. Ou mais tarde, como parece ser nesta produção.

— SHHH! — sussurrou um homem mais velho na fila de trás, e Julia fez um gesto de desculpa.

Embora estivessem no salão do palco principal do Dramaten, foi apresentado um *Hamlet* “desconstruído”. Kim nunca estivera no teatro e Julia pensou que uma apresentação da mais clássica das peças no palco nacional cheio de tradição seria um ponto de partida perfeito. Ah, como estava enganada!

Ao chegar no local, leu no programa que seria uma produção de um diretor experimental dinamarquês. O homem numerou vinte e um porcos com tinta, um para cada cena, e depois anotou a ordem em que saíam do chiqueiro. Essa seria a ordem de apresentação das cenas, uma referência temática às atrocidades que ocorriam no castelo de Helsingör.

A cronologia dos porcos tornava a peça bastante incompreensível. Por exemplo, Hamlet morreu logo na terceira cena e seu pai ainda não havia

aparecido. Na aproximação do intervalo, Hamlet observava a escavação da tumba de Ofélia, embora a jovem ainda estivesse viva.

Hamlet saiu de cena e a cortina caiu. Apenas alguns aplausos, e um dos que aplaudiam era Kim. Julia olhou surpresa para ele e perguntou:

— Está *gostando*?

— Sim. Por que não gostaria?

— Não é fácil acompanhar. Quando não se conhece.

— E? A vida também é assim. O que você está achando?

Julia pensou na sequência fragmentada de eventos que assistiu durante quase duas horas. Conhecida bem a peça e havia algo revigorante na forma como uma nova luz era lançada sobre as cenas quando apresentadas em outra ordem.

— Sim — disse ela. — Sim, também gosto dela, pensando bem.

— Bom. O que acontece agora?

— Agora é o intervalo. Vamos lá fora e bebemos alguma coisa.

— Para quem é o intervalo? Para os atores ou para nós?

— Nunca pensei nisso. Para nós, eu acho.

— Ok.

Kim manobrou para sair ao longo da fila de cadeiras. Julia ficou parada um momento e observou seus longos cabelos negros que caíam pelas costas sobre um suéter de gola alta cor de vinho. Não podia dizer que se *acostumara* com ele e ainda se surpreendia ocasionalmente com sua ingenuidade e profunda sensibilidade combinadas. Além de iniciar Kim no teatro, a sugestão de Julia sobre *Hamlet* fazia parte de sua ambição de tornar seu relacionamento mais cotidiano. O verão havia sido caótico, para dizer o mínimo, e nunca tiveram uma chance para ter algo... normal. Agora estavam no meio de outubro e, na ausência de drama pessoal, precisavam buscá-lo em outro lugar. Por exemplo, no Dramaten.

Julia saiu do salão e, junto a Kim e grande parte do público, foi para o Saguão de Mármore. Ouvindo os comentários, Julia entendeu que havia opiniões fortemente divididas sobre a peça. Uma parte das pessoas foi para a chapelaria pegar seus sobretudos e fugir da continuação, enquanto outros diziam coisas como “Inovador”, “Confuso” e “Que confusão dos diabos!”

Kim foi para o bar lotado comprar alguma bebida, enquanto Julia procurava um lugar em alguma mesa. Um par de olhos a fitou e ela congelou.

Depois, obrigou-se a ir até o casal improvável, cada um segurando uma taça de vinho branco.

— Oi, Jonny — disse Julia, e acenou com os dedos em uma leve saudação. Seu ex-marido, Jonny Munther, era pelo menos trinta centímetros mais alto que a mulher esbelta ao seu lado. — Imagine só encontrar você *aqui!*

Durante seus mais de vinte anos juntos, Jonny nunca sugerira ir ao teatro, e se Julia queria ir, sempre havia algum empecilho. As apresentações a que assistiu foram com amigas, ou sozinha. O cinema era o máximo que Jonny aceitava, e mesmo assim, raramente.

— Sim, oi, você — disse Jonny, relutante, e olhou para a mulher ao seu lado. Abriu e fechou a boca como se não soubesse como a apresentaria. Antes de decidir, a mulher avançou para Julia e estendeu a mão.

— Olá. Moa. Moa Malmberg.

A mão da mulher era pequena, mas seu aperto era firme e seguro, olhando fixamente para Julia. Por algum motivo, Julia imaginou que ela trabalhava com um torno, vendo-a sentada ao lado de um prato girante esculpindo formas no barro.

— Ah, sou a Julia — disse Julia. — Malmros. Muitos malm por aqui.

— Sim, eu sei — disse Moa. — Eu já... ouvi falar um pouco.

Jonny desviou o olhar para o teto ricamente pintado e Julia podia adivinhar o caráter do que Moa ouvira “falar um pouco”. O silêncio rodeou a mesa até Jonny olhar para baixo e dizer:

— Ah, e ouvi falar que você está de volta à ativa.

Mesmo se Julia não se expressasse desse modo, era certo que havia retornado ao trabalho. Depois de tropeçar e brigar com ideias ruins e ainda piores para o próximo livro, Julia finalmente desistiu e voltou para o trabalho de investigadora criminal. A ideia era trabalhar por um ou, no máximo, dois anos e reviver a sensação do trabalho antes de voltar a escrever.

Não faltava escárnio dos colegas sobre seus livros, e ficou pior depois que a série sobre Åsa Fors começou a ser apresentada na TV4 havia duas semanas. Para a surpresa de Julia, a série que ela considerava excessivamente romântica foi bem recebida pelos críticos e logo encontrou seu público. Era a terceira mais assistida entre as quatro melhores, depois de *Let's Dance e Idol*.

Julia podia tolerar o escárnio e logo entrou na rotina e na comunidade do trabalho, já participara no processo de duas pessoas no que parecia um caso de roubo seguido de assassinato, mas que depois foi comprovado ser um acordo entre gangues. O aumento dos crimes de gangues foi a maior diferença desde que abandonara a carreira, e ela ainda precisava aprender muito. Pessoas, territórios e atividades.

Jonny percorreu a sala com o olhar e perguntou:

— Ah, o *namorado* também veio?

Jonny havia sido afetado negativamente pelo relacionamento entre Julia e Kim desde o primeiro dia, e não melhorou nada depois da história de Martin Rudbeck. Pelo que Julia sabia, Jonny ainda estava convencido de que fora Kim quem sequestrou e matou o doutor, e depois fez o corpo desaparecer sem deixar vestígios. Tirando a morte, ele tinha razão, mas não era algo que Julia pretendia discutir algum dia. Ela não tinha certeza sobre o que Jonny pensava sobre sua própria participação no caso.

Como se não percebesse o tom insinuante de Jonny, Julia disse:

— Ele foi buscar bebidas. O que estão achando da peça?

Julia não sabia nada do relacionamento entre Jonny e essa Moa, mas o olhar de Jonny para a outra mulher deixava perceber que era algo mais que uma simples amizade. Até então, Jonny nunca tivera amigas e quase nenhum amigo também.

— Sim — respondeu Moa. — É... interessante.

— Não é isso que costumamos dizer quando achamos que algo é ruim?

— Não, quero dizer exatamente isso. Interessante. A peça me faz pensar no personagem do Hamlet de um novo modo. Como uma pessoa desconectada de sua própria vida.

O sorriso nos lábios de Jonny não podia ser outra coisa além de malicioso, algo do tipo “*você mereceu*”, como se ele mesmo tivesse apresentado essa análise. Julia não conseguia esconder a irritação na voz quando perguntou:

— E você, Jonny, o que achou?

— Ah, sim — disse Jonny, cruzando os braços sobre o peito. — Por falar nisso, vi o primeiro episódio daquela série. Sim, sim.

Os braços cruzados, falar “daquela”, o fato de assistir apenas o *primeiro* episódio sem se preocupar com a continuação e o final: “Sim, sim.” Era extraordinário quanta agressividade se podia envolver em uma única ideia.

— Quantos episódios serão? — perguntou Moa.

Julia ia responder, quando o semblante de Jonny mudou como se recebesse um tapa, e a agressividade em seu olhar era tudo, menos passiva. Kim chegou à mesa, apresentou duas taças de champanhe e disse:

— Não sabia o que você queria, então trouxe isto.

— Está bom — disse Julia.

— Sim, sim — disse Jonny. — Dia de *comemoração*, então.

— Oh, oi — disse Kim, como se apenas agora percebesse Jonny Munther, o que Julia achava que era o caso. E então estendeu a mão para Moa. — Oi. Kim Ribbing.

— Sim, eu sei — disse Moa, com um sorriso forçado. — Fui eu que obtive suas impressões digitais do passaporte e do telefone.

— Não eram minhas impressões digitais — disse Kim. — Mas tudo bem.

Os indícios mais fortes contra Kim no caso Rudbeck eram as impressões digitais deixadas nos objetos citados quando ele os enviou para a Tailândia. Durante o interrogatório, ele negou ter qualquer conhecimento do assunto, e como não podiam ter cem por cento de certeza de que as impressões digitais eram dele, o promotor decidiu não prosseguir com o processo. A única coisa que podiam afirmar era que Kim, eventualmente, em algum momento, havia manuseado o passaporte e o telefone. O resto era apenas especulação.

Julia olhou para Moa com interesse renovado. Então, a mulher era cientista forense e isto podia explicar como ela e Jonny haviam se conhecido. O torno desapareceu, substituído por um microscópio. Isto também parecia apropriado. Moa tinha um olhar vivo e inteligente e parecia ser alguém com quem Julia poderia conviver, apesar de que evidentemente nunca o faria.

Jonny franziu os lábios de uma forma que Julia sabia que queria dizer alguma coisa. Agora vem. Jonny bateu com os nós dos dedos na mesa antes de apontar para Kim e dizer:

— Já disse isso antes e repito. Eu *sei* que foi você.

Kim tomou um gole de champanhe e Julia notou que sua mão tremia um pouco quando baixou a taça e disse:

— É. Se você diz.

— O que não entendo — disse Jonny enquanto seu rosto ficava vermelho — é o que fez com o corpo. O que você fez?

— Ah, você sabe — respondeu Kim, fazendo um gesto de magia com as mãos. — Eu o transformei em um cervo.

Uma nuvem de tempestade cobriu o olhar de Jonny Munther, indicando que poderia resultar em violência física. Até Moa parecia conhecer Jonny suficientemente bem para colocar a mão em seu braço e o apertar. Julia sentiu uma pontada no estômago. Será que estava realmente ali, naquela situação, com *ciúmes*?

O pior da raiva nos olhos de Jonny se dissipou, e quando ele abriu a boca para dizer alguma coisa, ouviram a primeira campainha chamando para o espetáculo. Kim e Julia esvaziaram seus copos. Antes de voltar para o salão, Julia acenou para Moa e disse:

— Foi bom encontrar vocês.

— Igualmente — disse Moa, e terminou com alguma coisa que indicava uma posição igual à de Jonny. — Provavelmente teremos outras ocasiões.

Julia sorriu constrangida, como se Moa apenas sugerisse compartilhar trabalhos escolares futuros. Quando saíram do Saguão de Mármore, Julia olhou para Kim, que não demonstrava nada do que sentia. Desde o “desaparecimento” do Rudbeck, mal haviam falado sobre o assunto, porque Kim se recusava. E provavelmente continuaria assim.

2

No final de agosto, Astrid Helander começou o nono ano e os pernoites na casa de Kim ficaram menos frequentes, porque demorava 45 minutos para ir de Gärdet para a escola. Costumava ir para lá nos fins de semana, mas até isso diminuiu depois que fez novos amigos.

Se alguém dissesse há alguns meses que ela passaria bastante tempo com Algot Mörner, ela teria simplesmente balançado a cabeça. Algot certamente era gentil, mas muito passivo ou simplesmente bobo. Não era seu tipo.

Mas algo aconteceu no início do nono ano, e Astrid achou que era ligado a arco e flecha.

Algot se associou a um clube de arco e flecha e demonstrou ter talento real para a coisa. Ele mesmo pensava que seria devido ao hábito do jogo PUBG, mas Astrid era cética a respeito disso. Além disso, o mouse e o arco não tinham nada em comum. De qualquer forma, os novos amigos e sua nova postura apresentavam um aspecto diferente. Ademais, seu aspecto físico havia mudado de sentado, curvado no teclado, para ereto, com o arco.

Adicione-se a isso o fato de o arredondado infantil de seu rosto estar começando a desaparecer, então, de modo geral — surpresa —, Algot Mörner podia ser considerado simplesmente *bonito*. Isso era menos importante para Astrid do que o fato de que algo parecido com um cachorrinho que a irritava tanto estava desaparecendo. Poderia sair com Algot sem se irritar.

E tinha a Ester, nova na classe e que, com a mãe, o pai e um irmãozinho, havia se mudado de Norrtälje para Estocolmo e logo se estabeleceu como uma ave estranha cujas plumas e comportamento não podiam passar despercebidos.

Ester Ozola tinha cabelos da cor do arco-íris e esmalte cintilante nas unhas. Usava roupas largas em cores vibrantes e tênis com solas grossas. Tinha uma argola de prata no nariz e o símbolo do *Extinction Rebellion* (rebelião da extinção) tatuado em seu braço direito. Sim, seus pais haviam permitido. Poderia ser uma *manic pixie dream girl*, uma garota maníaca dos sonhos, se não fosse pela expressão condescendente ou até mesmo desdenhosa em seus olhos. Astrid simpatizou com ela imediatamente.

Logo no almoço do primeiro dia, Astrid foi até Ester, sentada sozinha à mesa, e disse:

— Oi. Só queria dizer... Ester Ozola. Acho que é o nome mais legal que já ouvi. Como se consegue um assim?

Ester levantou uma sobrancelha muito maquiada e observou Astrid de cima a baixo. Comemorando o início das aulas, Astrid usava uma jaqueta fina de couro sintético sobre a camiseta da *Santa Muerte* que havia ganhado de Kim como agradecimento pelos serviços prestados. Ester piscou lenta e deliberadamente e disse:

— Comprei na Tradera.

— Ok — disse Astrid. — Posso adivinhar? Você e o vendedor se encontraram em alguma estação do metrô e ele sumiu antes que você visse o nome completo?

Ester sorriu e apontou para o lugar no outro lado da mesa.

— Sente-se se quiser. — Depois que Astrid colocou seu prato e seu copo na mesa e se sentou, Ester continuou: — É da Letônia. Meu avô fugiu para a Suécia na década de 1940. E você? Como se chama?

— Astrid. Helander. Nenhuma história por trás do nome, pelo que eu sei. — Astrid apontou para os bifés de lentilhas no prato de Ester e o copo com uma bebida feita de cranberry, um almoço idêntico ao seu. — Você também é vegana?

— Aham. Entre outras coisas.

— O que mais você é, então?

Logo na primeira conversa, Astrid ficou sabendo que Ester estava envolvida com a parte mais radical do movimento ambientalista ao qual pertencia, o *Extinction Rebellion*, entre outros, que pretendia ser médica, ouvia música clássica ou New Order e era bissexual. Astrid contou sobre seu envolvimento com os direitos dos animais e que morava com um cara mais velho sem ter um caso com ele. Não mencionou sua eventual assexualidade, já que não tinha certeza absoluta sobre isso.

Quando terminaram de comer, Astrid não pôde deixar de perguntar:

— Então... você fica com garotos e garotas?

Ester sorriu e balançou a cabeça:

— Nunca fiquei com ninguém desse jeito. Mas mesmo assim, conheço isso.

Ester sabia muita coisa. Lera muitos mais livros do que Astrid e estava bem informada sobre as notícias, principalmente as relacionadas com política. Detestava os Suecos Verdadeiros com todo seu coração, e logo que se falava neles, seus lábios começavam a tremer de raiva. E ela havia conseguido fazer com que Astrid desejasse ser uma pessoa melhor, ou pelo menos mais engajada.

Ao contrário de Astrid e suas manifestações do tipo mais bobo, Ester participara de *ações diretas* pelo meio ambiente, a mais notável sendo um atentado com incêndio em um posto de gasolina da Shell na estrada de Norrtälje.

Usando balaclavas por causa das câmeras de vigilância do posto, Ester e seus colegas usaram um cartão de crédito roubado para comprar vinte litros de gasolina, que derramaram no chão, e depois atearam fogo antes de sair correndo.

— Tão simples — disse Ester, e sacudiu os ombros. — Estranho que não façam isso com mais frequência.

— Mas o que aconteceu? — perguntou Astrid. — Explodiu?

— Não — respondeu Ester. — Então essa história de ser proibido fumar nos postos é um pouco exagerada.

A amizade se aprofundou durante as semanas e meses seguintes. Quando Astrid contou finalmente o que havia acontecido com seus pais, pela primeira vez viu Ester chorar. E, se é que se pode dizer isso, Astrid adorou *como* ela chorou.

Quando Astrid relatou os acontecimentos da véspera do solstício de verão, como seus pais foram assassinados na sua frente, Ester não gritou com sentimento nem se jogou no pescoço de Astrid para consolá-la. Não, ela apenas ficou parada olhando para Astrid enquanto seus olhos se encheram de lágrimas, que rolaram por sua face. Ficou sentada parada por mais de um minuto, depois pegou gentilmente a mão de Astrid e beijou os nós de seus dedos. Foi nesse momento que Astrid começou a achar que estava apaixonada.

Havia apenas um problema, e se tratava de Algot 2.0, a versão atualizada de Algot Mörner, com quem era realmente divertido conviver. Seria um exagero dizer que ele e Ester se *detestavam*, mas não estava muito longe da realidade. Algot tinha dificuldade com a atitude de superioridade e o sarcasmo de Ester, tinha até um pouco de medo dela, e certa vez a chamara de “Terror da Letônia”. Não na presença de Ester, é claro.

Ester, por sua vez, considerava Algot muito infantil e um pouco idiota. Não se interessava nem um pouco por suas vivências no mundo dos jogos de computador, apenas gostava de seu arco e flecha e o chamava de “Pequeno Robin Hood”, *principalmente* na sua presença.

Estranhamente, os três ainda saíam juntos. Além da animosidade mútua, Ester tinha um lado sádico que gostava de rebaixar Algot verbalmente de todas as formas possíveis. Algot tinha um lado masoquista correspondente

que apreciava a maldade dela e o leve medo que sentia em sua presença. Um jogo de S/M de proporções olímpicas. Além disso, os dois queriam ficar com Astrid.

Em outubro, quando esta história tem início, Astrid começou a pensar se realmente estava envolvida no que a Nova Ordem chamava de *triângulo amoroso bizarro*. Sim, começava a ouvir coisas.

3

— Hum. Parece muito suspeito, um pé no saco, do meu ponto de vista. Tenho pouco tempo sobrando para isso.

Depois que Irma Ryding deu sua opinião sobre a apresentação de *Hamlet* que Julia descrevera, soprou uma nuvem de fumaça de cigarrilha contra a lâmpada de aquecimento do restaurante. A proibição de fumar nos restaurantes ao ar livre entrara em vigor havia três semanas, mas Irma colocou o assunto na categoria de “histeria” e algo com o que não precisava se preocupar, principalmente quando morreria logo.

Os pensamentos de Irma sobre sua morte iminente diminuíram de intensidade depois que seu quadril melhorou. Não precisava mais fumar maconha antes de descer as escadas, mas ainda gostava muito do assunto morte, e Julia simplesmente parou de reclamar e pedir que parasse de falar nisso. Em lugar disso, ela simplesmente mudava de assunto.

— Mas realmente funcionou — disse Julia. — Apesar de ser uma peça muito conhecida, conseguimos ver coisas novas. Como o Hamlet parece...

— Ela hesitou e decidiu usar a fórmula de Moa Malmberg — desconectado de sua própria vida.

— Hum, hum — disse Irma. — Agora você também vai ficar metida comigo?

Julia levantou as mãos para o alto.

— Meu Deus, Irma! Está falando com a autora de *Åsa Fors* — *Aço Doce*, em terceiro lugar depois de *Let's Dance* e *Idol*!

Irma olhou para Julia através da fumaça e disse:

— Sim, você já disse isso antes. Duas vezes, na realidade. Se eu não a conhecesse, poderia até achar que está um pouco orgulhosa.

Julia enrubesceu. Sempre tentava adotar um tom irônico quando falava do terceiro lugar de sua peça, mas falava isso frequentemente e com vontade, e Irma tinha um talento especial para perceber o que ela queria dizer. Julia sacudiu os ombros e disse:

— É legal saber que as pessoas assistem.

— Algo que você acha que não é legal?

— Ah, também não é *tão* ruim.

— Agora nos viramos conforme o vento. Durante alguns meses, o som no casco era *completamente* diferente.

Julia apoiou a testa nas mãos e disse:

— Irma, você precisa ser sempre tão... implacável?

— Foi por isso que você me escolheu, não foi?

Quando Julia fez uma careta e iniciou um protesto, Irma fez um gesto como se limpasse um quadro com as mãos e disse:

— Agora chega. Então, como vai o trabalho?

Julia contou como o crime havia mudado desde sua época na polícia. Se então tinham uma quantidade de monstros mais ou menos definida para combater, agora pareciam ter uma única hidra de muitas cabeças, onde nasciam duas novas cabeças a cada vez que cortavam uma.

— É uma comparação muito usada, eu sei — afirmou Julia. — Mas a criatividade está escassa agora.

— E não está escrevendo nada?

— Meu Deus, não! Minha cabeça está totalmente ocupada com outras coisas. E mesmo se pudesse... — Julia balançou a cabeça, resignada. — Na realidade atual, parece que o que escrevi está totalmente ultrapassado.

Irma franziu os lábios.

— Mas está em terceiro lugar.

— Isso é entretenimento.

Ouviram um ruído oco atrás delas. Um garçom estava atrás da grande janela do restaurante batendo no vidro e gesticulando para Irma, indicando que era proibido fumar. Irma sorriu para ele, levantou a cigarrilha como se brindasse, deu uma última tragada e apagou a bituca com o pé. Levantou a taça de vinho quase vazia, suspirou e disse:

— Logo isso também será proibido. Então restará apenas a realidade. E a terrível saúde pública geral.

— Um brinde a isso — disse Julia, e tocou a taça de Irma com a sua.

Depois que Irma bebeu seu último gole, disse:

— Lembra de quando conversamos sobre escrever algo juntas?

— Como eu disse...

— *Escuta aqui*. Acho que, nesse caso, devemos fazer exatamente o contrário.

— Do quê?

— Da realidade. Aquilo que você falou. Escrever algo *totalmente* ultrapassado. Nenhuma conexão com a situação atual, nem mesmo a realidade *aumentada*, lembra?

— Sim, obrigada, eu lembro — respondeu Julia, revirando os olhos.

— Mas de que adiantaria isso?

Irma bufou e se virou para a janela, onde o garçom continuava olhando para ela. Levantou o dedo indicador, mostrando que queria fazer um pedido, mas o homem apenas balançou a cabeça.

Irma suspirou.

— Típico, agora que fiquei com fome. Sim, sim, melhor assim, penso eu. — Juntou as mãos como se fosse rezar. — Pensei assim: três delegadas ou investigadoras criminais aposentadas, talvez quatro, andando por aí sem emprego. Os maridos são uns chatos ou estão mortos. Talvez comecem um clube do livro, mas se cansem disso. Um dia, uma delas conta sobre um *caso arquivado*, algo que ocorreu durante sua vida profissional. As outras se interessam, começam a conversar, apresentam ideias. Entende para onde vamos? Decidem tentar resolver o caso. Juntas.

— Hum — diz Julia. — Nada mal. Apesar de parecer a *The n° 1 Ladies' Detective Agency*, se me permite dizer.

— Claro — disse Irma. — Absolutamente. Inevitável, mas... — Irma contou nos dedos. — Estas são mais velhas. Estou pensando em algo quase na minha idade, as coitadas. São antigas policiais, não são detetives particulares. Acontece na Suécia. E mais: tudo depende de como fazemos.

Meio contra sua vontade, Julia começava a se interessar. Podia ver aquelas senhoras de cabelos brancos sentadas e especulando sobre assassinatos

não resolvidos e embarcar naquilo. Seus rostos enrugados e olhos claros, lampejos repentinos de genialidade e risadas roucas.

— E quando você diz totalmente ultrapassado...? — Estranhou, ela.

Irma cruzou as mãos como se estivesse quebrando alguma coisa no ar e as empurrou para a frente a cada negativa:

— Nada de crimes de gangues, nada de drogas. Nada de tiroteios, nenhuma violência explícita. Nada de fotos. Apenas um assassinato à moda antiga, onde o assassino foi esperto e conseguiu escapar...

— ... mas nossas senhoras são mais espertas — terminou Julia.

— Exatamente — disse Irma. — E pode muito bem terminar com um velho miserável sentado em uma cabana e as senhoras o colocando para correr. Até onde ele aguentar.

Julia deu uma risada.

— Imagino que você já tenha um nome para esse grupo.

— Na verdade, não. Deixo isso, com prazer, para você. — Irma olhou curiosa para ela. — Consegui plantar uma semente? Ou não?

— Hum, talvez — respondeu Julia, e tomou um gole de sua taça. — Se vai germinar e crescer, é outra coisa.

Irma levantou-se apoiando-se na mesa. Pelo menos não usava mais a bengala. Apontou para suas pernas e disse:

— Sim, sim, então eu preciso cambalear até o Dramaten e assistir a esse príncipe rejeitado.

— Faça isso. Acho que você vai gostar.

— Duvido. Mas então posso pelo menos aproveitar para me divertir um pouco no Saguão de Mármore.





CAPÍTULO DOIS

1

O investigador criminal Jonny Munther e a inspetora criminal Carmen Sánchez estavam fazendo ronda. Isso não estava incluído em suas atividades de trabalho, mas após meses trabalhando internamente, Jonny sentiu necessidade de sair e se movimentar, conhecer Estocolmo novamente. Perguntou a Carmen se gostaria de acompanhá-lo e recebeu uma resposta positiva, porque, segunda ela disse, se sentia melancólica na delegacia. Trocaram de turno com alguns policiais e saíram em um carro com rádio pelas ruas para surpreender os policiais nas redondezas.

Bem, não se tratava de apenas fingir trabalhar. Respondiam a chamados da central e intervinham quando necessário. Frequentemente eram pessoas alcoolizadas ou sob o efeito de drogas se envolvendo em brigas, uma tentativa de suicídio na ponte Väster, grafiteiros se livrando de suas latas de tinta e ladrões se livrando de seus furtos. Conversar com os pais, relatórios e depois buscar algum idoso perdido na E4. E assim por diante.

Jonny e Carmen não se sentiam exatamente como líderes comunitários, mas era uma boa mudança lidar com problemas concretos que frequentemente podiam ser resolvidos no local, em lugar de se envolver em alguma investigação complexa que muitas vezes nem sequer continuava devido a alguma tecnicidade.

Naquela noite, patrulhavam o centro, dirigindo lentamente pelos bares ao longo da rua Kung e ao redor do Stureplan, para assegurar que não haveria problemas quando as pessoas excessivamente embriagadas eram barradas na entrada. Era um pouco mais das nove horas da noite e, por enquanto, tudo estava calmo, mas isso poderia mudar em breve. Jonny dirigia

o carro. Depois de olhar a rua sem perceber ninguém abanando os braços ou fazendo movimentos bruscos, tamborilou o volante e disse:

— Pensei uma coisa. Você disse que se sentia melancólica na delegacia.

— Sim, e daí? — perguntou Carmen, sem parar de observar os arredores.

— Mas isso não é como ficar sentado em uma cabana em Norrland sem contato com outras pessoas? Uma desolação?

— Sim, exatamente.

— Mas como pode sentir isso na delegacia? Está cheia de pessoas.

Carmen balançou os ombros.

— Sei lá, mas é como me sinto. Desolada. Talvez esteja ficando triste, mas no momento prefiro isto.

— Mas se você... — Jonny se interrompeu quando sentiu um tremor na carroceria do carro que foi transmitido para o volante e seus dedos. Haveria algo errado com o motor?

Carmen aproveitou para mudar de assunto.

— Então, como vai com a Moa?

— Bem, obrigado.

— Pretendem morar juntos?

— Estamos... investigando.

Jonny Munther não gostava de falar sobre sua vida particular, principalmente envolvendo Moa Malmberg. Ela se mudara para Estocolmo dois meses antes, para seu apartamento na rua Kock, e conseguiu um emprego na Tibiola, que realizava muitas análises forenses para a polícia, já que a seção local da NFC estava com pouco pessoal.

Moa não era contra morar junto, mas ainda não estava pronta para isso. Depois de um longo relacionamento, seu marido havia falecido, então tinha medo de achar que estava copiando uma vida anterior, mas desta vez apenas fingindo. Pediu paciência para Jonny, e a paciência era uma das qualidades principais de Jonny Munther.

Carmen riu.

— *Estão investigando?* Quer dizer que estão fazendo uma investigação preliminar?

— Vou me expressar melhor. Por falar nisso...

Jonny não teve tempo de esclarecer, pela enésima vez, que seu relacionamento com Moa era particular, porque receberam uma chamada pelo

rádio. Os operadores de rádio gostavam de realizar cada chamada como se fosse uma previsão meteorológica, mas a voz que soava agora no carro estava claramente alterada.

— Para todas as unidades! Temos um atentado a bomba no Dramaten. Repito: o Teatro Dramaten em Nybroplan sofreu um atentado, provavelmente com múltiplas vítimas. O Serviço de Resgate já está a caminho e todas as patrulhas das redondezas devem ir para lá o mais rápido possível.

Logo após a primeira notificação, Jonny afundou o acelerador, acendeu a luz azul e ligou a sirene enquanto resmungava entre os dentes:

— Mas que *inferno*! — Quase atropelou uma pessoa com fones de ouvido gigantes e cabelo penteado para trás que começou a atravessar a rua sem olhar nem ouvir. Jonny resmungou: — Idiota, idiota, idiota — enquanto pensamentos lhe passavam pela cabeça.

Pensou na vibração que sentira na carroceria do carro. Seria ela provocada pela detonação? O carro estava descendo para a Stureplan, talvez a uns trinta metros de Svampen. Qual seria a distância entre Nybroplan e Stureplan? O suficiente para dizer que se tratava de uma explosão *muito forte*.

Deus queira que tenha sido fora do prédio, pensou ele. Não queria nem pensar no efeito de uma detonação assim dentro do prédio, entre as pessoas. As gangues começavam a usar cada vez mais os explosivos e granadas em suas guerras, mas no *Dramaten*? Não parecia provável.

Jonny fez uma curva fechada para Nybroplan, estacionou na calçada e saiu correndo do carro, seguido de Carmen. Um carro de patrulha já estava na frente da grande escadaria e dois policiais corriam para cima, para a entrada principal. Jonny ouvia as sirenes das ambulâncias e mais carros de polícia a distância. Na rua Nybro, havia pessoas apontando para o prédio ou cobrindo a boca com as mãos.

Jonny começou a correr para o teatro, mas congelou na calçada e ficou parado com a boca aberta. As grandes janelas haviam voado para fora, uma névoa se espalhava pela abertura vazia e os cacos de vidros coloridos estavam caídos ao longo da rua Strand. Carmen chegou ao seu lado e puxou seu braço.

— Venha! O que foi?

Jonny levantou um dedo indicador tremendo e disse fracamente:

— Eu estava lá há três dias, nesta mesma hora. Estava cheio de gente. O Saguão de Mármore. Deus nos ajude.

2

Dizem que todos os suecos acima de certa idade se lembram de onde estavam quando ouviram a notícia do assassinato de Olof Palme. Para os norte-americanos, isso corresponde ao assassinato de John F. Kennedy ou ao atentado contra as Torres Gêmeas. Provavelmente, a maioria dos países tem um trauma nacional de algum tipo, os menos afortunados têm mais. A noite de 19 de outubro de 2019 seria mais um dia de terror notável que ficaria marcado na mente dos suecos.

3

Julia Malmros estava em uma entrevista telefônica com a P1. O pessoal da rádio teria preferido uma entrevista ao vivo, mas Julia explicou que seu emprego atual tornava isso impossível.

E qual seria seu emprego atual?

Depois que Julia contou, passaram um longo tempo conversando sobre por que voltara para o trabalho ativo, e Julia apresentou todos os motivos possíveis, menos o mais importante: um bloqueio de escritor que quase a deixou maluca. O motivo mais importante, disse ela, seria conhecer a situação atual das ruas. Pelo menos isso era verdade em parte e soava bem. Um pequeno rodeio, simplesmente.

— Ok — disse a jovem jornalista. — Então voltamos para *Åsa Fors*.

Julia controlou um suspiro. Sabia que *Åsa* seria o tema principal da entrevista, mas mesmo assim a simples menção do *nome* a deixava exausta. Ela se convenceu de que se tratava do bloqueio de escritor, a constatação de que provavelmente não haveria mais livros.

— Sim — disse Julia. — É claro.

— E o que você acha? Da série?

Para ganhar tempo, Julia respondeu:

— A série de livros ou a série da TV?

— A série da TV, claro.

— Eu acho que é... muito boa.

— Do que você gosta?

Estaria ouvindo um tom irônico na voz da mulher? Como se desafiasse Julia a encontrar algo de que gostar no desastre?

Não é um desastre, lembrou Julia. Muitas pessoas assistiam, terceiro lugar. Apertou os olhos — ainda bem que era uma entrevista pelo telefone — e se obrigou a gostar da série, achar genuinamente que era bem-feita. Conseguiu se concentrar o suficiente para dizer:

— Acho que é legal. Bem representada. Gosto de ver que fizeram um trabalho fantástico com...

Não conseguiu falar mais, porque a mulher no outro lado da linha engasgou e disse:

— Ai, meu Deus! Meu Deus!

— O que foi?

A voz da mulher tremia.

— Recebi uma notícia. Agora. Aconteceu, foi... foi uma explosão. No Dramaten.

O primeiro pensamento na cabeça de Julia foi: *Dramaten. Irma*. Não sabia para qual noite a amiga comprara o ingresso para *Hamlet*, mas poderia ser esta noite. Julia conseguiu manter a voz firme ao perguntar:

— O que você quer dizer com uma explosão?

— Algum tipo de bomba. Que explodiu. Lá no Dramaten. Temem que haja mortos. Talvez muitos.

Agora até Julia exclamou o que o pensamento secular não conseguia apagar:

— Oh, meu Deus!

Ouviu um sinal de chamada e olhou para o telefone. Trabalho. Seu coração batia forte no peito quando disse para a jornalista:

— Estão ligando do trabalho, preciso atender. — Mudou para a outra ligação e a voz quase não saiu quando disse: — Sim. Aqui é a Julia.

Sem se preocupar com qualquer saudação, o operador disse rapidamente:

— Aconteceu um atentado a bomba no Dramaten. Muitos mortos. Estamos convocando todos os recursos disponíveis.

— Vou imediatamente — disse Julia.

— Ótimo.

Não disseram mais nada, provavelmente os operadores estavam todos ocupados ligando para todos os policiais na área de Estocolmo. Julia vestiu

o casaco, calçou os sapatos e saiu para a rua. Descendo as escadas, ligou para Irma. Apertou o telefone contra o ouvido e cerrou os dentes tão forte que chegou a estalar enquanto ouvia o sinal.

Atende, meu querido espantalho velho, atende.

4

O tio Lasse estava em uma conferência de dentistas e Astrid Helander tinha todo o apartamento para si. Andou sem rumo entre os quartos por um momento e aproveitou ter todo o espaço à sua disposição. Depois, encontrou um álbum de fotografias na estante e sentou-se com ele no sofá.

Havia fotografias da infância do tio Lasse, e em muitas fotos aparecia o pai de Astrid, Olof. Astrid olhou atentamente para as fotografias um pouco amareladas e conseguiu observar uma certa semelhança entre ela e o pai. Alguma coisa nos olhos e no formato do queixo.

Um garoto com uma vara de pesca mostrando um peixe no anzol, dois meninos posando ao lado de um carrinho feito em casa. Lasse com uma moto e Olof ao seu lado, um pouco de inveja no olhar, dois adolescentes desconfortáveis que pareciam vestidos para uma festa. Olof na formatura do colégio, com o boné de estudante na mão e um sorriso tímido. Astrid suspirou. A cada página que virava, seu pai se aproximava da chuva de balas, da cremação, do desaparecimento. Se apenas soubesse!

O próximo álbum era da vida adulta, e Olof aparecia menos frequentemente. Fotos de Lasse na faculdade de odontologia, o casamento com a esposa que durou apenas alguns anos, com um chapéu engraçado em Mallorca, pessoas que Astrid não conhecia brindando em uma mesa e... Astrid prendeu a respiração. Uma foto que parecia ser de seu próprio batismo e que ela nunca vira antes.

A luz do sol entra em uma igreja. Papai com uma trouxa de roupas de batismo no colo. Mamãe ao seu lado. Parados muito juntos um do outro, sua postura, suas expressões mostrando muita intimidade e alegria por estarem juntos com sua filha e um futuro promissor.

Astrid sentiu um nó na garganta antes de as lágrimas começarem a escorrer. Alguém certa vez dissera: “Uma coisa que podemos apreciar nas crianças é que não ficam mostrando fotos de seus pais.”

Era assim com Astrid. Não tinha fotos do pai e da mãe no celular. Mas agora eles estavam ali. Felizes, inocentes.

Ainda não se passava um dia sem que Astrid pensasse diversas vezes em seus pais. Acontecia devido a alguma associação ou após alguém dizer alguma coisa, trazendo uma memória, mas, acima de tudo, era o pensamento sobre *meus pais*, mas logo lembrava que eles *não estão mais aqui*. Seus rostos começavam a ficar mais difusos para ela.

Uma lágrima caiu sobre o dedo indicador de Astrid quando acariciou as imagens bidimensionais e sussurrou:

— Mamãe... papai... sinto saudades de vocês. Sentem saudades de mim?

Foi um pensamento triste que passou por Astrid algumas semanas após o funeral. Seus pais estavam mortos e nesta vida não poderiam significar mais nada para ela. Naturalmente. Mas o mais triste era que ela, Astrid, também não significava mais nada para eles.

Astrid secou as lágrimas, pegou o telefone e tentou encontrar um bom lugar e uma boa luz para tirar uma foto da foto, e foi bem-sucedida. Quando rolou e aumentou para melhorar a nitidez, recebeu uma mensagem. Mandou um último beijo para seus pais e rolou para a mensagem.

Era de Ester e dizia: “Viu isto? Totalmente doentio!”

Um vídeo feito com celular estava anexo. Astrid clicou para ver. Estivera com seus pais no Dramaten algumas vezes e reconheceu a fachada que estava iluminada com as luzes azuis piscando. A pessoa que filmou deu um zoom em um par de grandes janelas das quais restavam apenas destroços e uma fumaça leve saindo. Sirenes se aproximavam.

“O que foi isso?”, digitou Astrid, e recebeu a resposta depois de alguns segundos.

“Alguém explodiu uma bomba no Dramaten. Vamos lá dar uma olhada?”

Astrid pensou um pouco, olhou ao redor do apartamento vazio, a pintura de um pato morto pendurado em uma corda. Depois digitou: “Sim. Onde nos encontramos?”

5

Uma das poucas “atividades sociais” de Kim Ribbing era o fórum de discussões criptografadas chamado HackPack, que reunia pessoas com um interesse especial em segurança cibernética e sua relação com intrusão, hacking,

cracking e confusão geral. Com seu apelido de Shellman, naquela noite, Kim havia participado de uma conversa sobre um desenvolvimento preocupante na rede.

A polarização e pontos de vista na mídia social em particular não era novidade, mas ultimamente o fenômeno adquiria proporções grotescas. A raiva e a intolerância se dispersavam como uma fumaça venenosa nos campos de postagens e comentários, espalhando uma névoa fedorenta sobre todas as possibilidades de discussão sensata.

Muito mais do que provocar gritos das pessoas contra os outros de suas respectivas trincheiras, tudo era pura invenção. A novidade era a escala dessas invenções, como eram bem-feitas e “realistas”, e quantas pessoas estavam envolvidas. Se é que eram pessoas de verdade.

Um exemplo: um vídeo que fora amplamente divulgado e compartilhado mais de mil vezes nos fóruns sem filtro e em linha mostrava o que era chamado de “pequena diversão muçulmana”. Vários homens barbudos usando kaftan e chapéu pakol dançando ao redor de um poste. No poste estão umas vinte crianças empaladas e espetadas como morangos em um palito. Algumas ainda viviam, e seus gritos desesperados provocam risadas e aplausos entre os homens. Difícil imaginar algo mais terrível.

De onde vem o vídeo? O chapéu pakol sugere Afeganistão ou Paquistão, mas nenhum lugar é citado. Quem são as crianças e por que fazem isso com elas? Nenhuma indicação. Quem filmou e quem postou? Ninguém sabe. A primeira postagem do vídeo podia ser rastreada até o fórum de extrema direita “Sanningsbarriären” (barreira da verdade), onde foi publicado por um usuário anônimo antes de se espalhar como um incêndio e explodir em todo tipo de fórum, sendo compartilhado e provocando uma onda de raiva coletiva contra o Islã em geral e contra os muçulmanos em particular. Os comentários sobre o que se deveria fazer com os homens dançantes não tinham limites. Milhares e mais milhares de sugestões.

Se procurar mais informações sobre o terrível ritual, não se encontra nada além de comentários e comentários sobre os comentários sobre o vídeo. Nada sobre sua origem e o evento em si. Tudo indicava que o vídeo não seria nada mais que uma construção muito convincente. Deepfake, invenção. Entretanto, poucas pessoas na rede têm esse pensamento crítico. Mas quem vê alguma coisa reage.

Outro vídeo amplamente divulgado, mas em outros fóruns, mostra uma mulher vestida com uma abaya e hijab sendo grelhada lentamente em uma fogueira alimentada por exemplares do Alcorão, enquanto um monte de pessoas cospe nela e agita cruzeiros cristãos. A proveniência desse vídeo também é impossível de descobrir e nada indica que o caso realmente tenha acontecido, mas isso não impede que as pessoas de crença muçulmana expressem seu ódio contra os seguidores de Cristo.

O leitor será poupado de mais exemplos, mas essa é apenas uma amostra das evidências de vídeos, certamente falsos, que apareceram recentemente em toda a rede.

Outro aspecto do fenômeno é o enorme *volume* de postagens e comentários. Um vídeo do tipo desse descrito aparece em algum fórum e, depois de apenas alguns minutos, é divulgado e comentado por uma multidão com milhares de pessoas. Acontece tão anormalmente rápido que certamente se tratam de bots e contas falsas, mas a própria divulgação cria mais e mais divulgação, que, por sua vez, cria mais divulgação, e assim por diante. Depois que começa, não tem como parar.

A maioria dos membros do HackPack pertence à pequena fatia de pessoas com pensamento crítico e não considera nenhum factóide como verdadeiro se não puder ser comprovado e duplamente comprovado. Elas ficaram impressionadas com a habilidade e o impacto dos vídeos falsos, mas horrorizadas com suas consequências.

Se havia *uma* coisa que unia todos os membros era a apreciação, para não dizer o amor, pela internet. A rede mundial era o ar que respiravam e, igual ao ar real do planeta Terra, estava sendo contaminado gradualmente até se tornar inutilizável. Como um membro se expressou, “a internet está apodrecendo”.

Então, o que podemos fazer?

Na discussão de que Kim participou, apareceu uma quantidade de membros que passaram muito tempo tentando descobrir a origem dos vídeos, sem sucesso. Apelidos como Quasimodo, Renatus e Grinch apareciam e desapareciam.

Uma pessoa conseguiu descobrir um superdivulgador de conteúdo em uma fábrica de trolls da Rússia. O membro em questão conseguiu neutralizar a fábrica entrando na rede e alterando todos os discos rígidos. A bravata

foi aplaudida no HackPack, mas era como combater um incêndio com uma pistola de água e não resolvia o problema fundamental.

Kim digitou: “Existe algum denominador comum entre os usuários que postam os vídeos?”

Deoxys respondeu: “Sim. Um apelido provavelmente gerado aleatoriamente, novo para cada caso, que desaparece no momento em que o vídeo é publicado.”

“Ok”, digitou Kim. “Não consegue entrar na rede e achar o endereço IP do usuário? Assumindo que usa VPN, mas não deve ser impossível.”

“Alguém já tentou”, digitou Deoxys. “Sem sucesso.”

“Esse alguém fui eu”, digitou Moebius. “Pesquisei todos os geradores conhecidos e desconhecidos. Nem uma pista.”

Moebius era o único membro do HackPack que Kim conhecia pessoalmente. Podia ver o grande homem passando noites a fio pesquisando registros de apelidos descobertos. Moebius estava sempre online e Kim achava que ele nunca ia para a cama, apenas cochilava de vez em quando no seu posto de comando no estilo de *Star Trek*. Se ele não conseguia resolver o quebra-cabeça, provavelmente seria insolúvel.

Mal colocou os dedos no teclado, quando o membro Turingtested digitou: “Já sabem da explosão? No Dramaten?”

Era raro e não muito bem-vindo os membros trazendo assuntos que não eram diretamente relacionados com a internet, segurança dos dados e similares. O fórum devia ser mantido livre de problemas do mundo externo. Mesmo assim, outro membro pediu ao Turingtested para esclarecer.

“Parece que alguém se explodiu no ar no Dramaten”, digitou o Turingtested. “Não tem muita informação, mas parece que há muitos mortos.”

Kim esfregou os olhos com as mãos. *Uma bomba suicida*. A associação era mais ou menos óbvia, mas pensando nas tendências que ele mesmo e os outros do HackPack tentavam inutilmente combater, Kim esperava fervorosamente que o ato não tivesse nada a ver com o Islã. A internet não queimaria mais, ela explodiria.





CAPÍTULO TRÊS

1

Os cacos de vidro estalavam sob as solas de Jonny Munther enquanto subia a escada para a entrada do Dramaten. Suas mãos suavam tanto que o puxador escorregou sob sua mão quando abriu a porta e entrou. Duas estátuas douradas estavam sentadas, uma em cada lado da escada, e pareciam sorrir para ele. Aspirou o ar pelo nariz e sentiu um odor similar ao que se sente ao abrir o capô de um carro, uma mistura de óleo, eletricidade e ferro.

Carmen e ele ficaram parados lado a lado durante alguns segundos, antes de subir para o Saguão de Mármore. O rosto de Carmen estava pálido e impassível, enquanto seus olhos observavam os arredores, como sempre. Jonny acenou para o andar superior e disse:

— Isto poderá ser terrível.

Antes que Carmen conseguisse responder, as portas de entrada se abriram e dois enfermeiros de ambulância vieram correndo. Os enfermeiros carregavam uma mochila com suprimentos de emergência e uma maca dobrável. Olharam interrogativamente para Jonny e Carmen e, sem qualquer comentário, subiram as escadas correndo. Envergonhados por sua hesitação, Jonny e Carmen os acompanharam. E ouviram à suas costas mais uma ambulância freando.

Já no pé da escada para o segundo andar, tiveram o primeiro vislumbre do que os esperava. Um coro uníssono de desespero humano ecoava pelas paredes de pedra e descia pela escada. Choro, gemidos, gritos roucos de dor e lamentos de pesar. Jonny e Carmen subiram os degraus de dois em dois, apressados para o inferno, enquanto o cheiro de ferrugem ou ferro ficava mais forte.